

DOSSIER DE IMPRENSA

MNAC

HETERO Q.B.

Exposição colectiva internacional de vídeo

09.04.2013 – 30.06.2013

Sala Polivalente

Comissariada por:

emília tavares e paula roush



FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO

Comissariado: Emília Tavares & paula roush

Texto: Emília Tavares & paula roush

Edição e design: barbara says...

Apoio técnico e montagem: António Rasteiro

Mecenato e comunicação: Rita Sá Marques

Tradução: Kennistranslation

hetero q.b.

Esta programação apresenta um conjunto de obras em vídeo internacionais, realizadas por mulheres, sobre temáticas que vão desde o feminismo, ao lesbianismo e transgénero. A seleção de trabalhos abrange países e realidades consideradas “periféricas” em relação ao discurso e prática do feminismo clássico euroamericano, usualmente mais conotado como progressista na defesa da igualdade das mulheres e do género. Sociedades em que as tensões históricas, culturais, sociais, políticas e naturais sobre o género têm sido, nas últimas décadas, disputadas e reivindicadas sob outros moldes, desafiantes da própria história do movimento feminista.

Por outro lado, esta programação revela alguns dos debates mais importantes sobre as questões dos feminismos ou pós-feminismo, assim como todo o âmbito das diversidades *queer*, desde o lesbianismo, bissexualidade, transsexualidade ou transgénero, que têm sido fundamentais para o esclarecimento e a constituição de uma nova cultura e mentalidade sobre estas realidades.

Um desses debates tem sido o protagonizado por Judith Butler, cuja teorização histórica sobre estas questões veio, recentemente, advogar uma aproximação dos movimentos feministas e transgénero na partilha de uma série de valores, contrariando um latente conflito entres as muitas facções da identidade sexual, a favor duma sociedade que reconfigure as distinções entre vida interior e exterior, evitando as abordagens patológicas da identificação de género cruzada. Para Butler, os termos de designação do género são uma categoria histórica e estão continuamente em processo de remodelação, o que deixa em aberto outras possibilidades para o seu entendimento, já que o “sexo” e a “anatomia” também não escapam às regulações e normativas culturais. O “masculino” e o “feminino” estão permanentemente sujeitos à mudança, cada um desses termos tem histórias sociais que mudam radicalmente segundo as fronteiras geopolíticas e as *obrigações* culturais.¹

Outro debate, tem oposto a hegemonia do discurso feminista euroamericano a outros produzidos em países e culturas negras, índias, chinesas ou árabes, denunciado as dicotomias inerentes ao discurso feminista “branco” como forma de perpetuar as relações estruturais de poder do sistema capitalista e de identificar uma abordagem ocidental de superioridade sobre o “outro”.

Este é um âmbito de renovação dos discursos feministas que vem permitir novas formas de militância e teorização. Estudos e trabalhos concretos sobre o feminismo negro ou no Islão² têm sido precursores de uma nova abordagem heterogénea e descentralizadora do discurso clássico feminista, aproximando-se em muitos dos seus aspectos da realidade dos países do sul da Europa, ao fazer confluir o debate e a prática para zonas de acção que englobam vertentes como o íntimo e o biográfico a cultura popular ou os costumes, em detrimento dum discurso filosófico e teorizante.

1. BUTLER, Judith – “el transgénero y es espíritu de la revuelta” in *Minerva*, nº 13, 2010, p. 47.

2. AAVV - Feminismos negros. Una antología. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012 e BADRAN, Margot – Feminismo en el Islam. Convergencias laicas y religiosas. Madrid: Catedra, 2012. A este propósito ver também o artigo: GARCÍA, Luz Gómez- “Colores del feminismo” in *El País (Babelia)*, 16 Fevereiro 2013, p. 12.

Este programa não pretende estabelecer nenhum discurso panfletário sobre as questões de género, mas considera que o enquadramento da heterossexualidade na sociedade contemporânea tem um papel normalizador e regulador numa autoridade patriarcal, permitindo grandes margens de desigualdade no seu exercício. Disso mesmo é exemplo a múltipla abordagem artística que em díspares meios sociais tem sido efectuada nas últimas décadas, utilizando diferentes linguagens para confrontar, denunciar, divulgar ou apenas divagar sobre a complexidade do género e da sua vivência.

A teoria do género tem sido debatida e questionada em vários meios mais científicos e intelectualizados, mas a realidade é que também se instalou no debate público entre interrogação e condenação sobre os novos modelos de vivência da sexualidade, e o seu consequente enquadramento legal e político.

O tema constitui ainda um tabu de contornos pouco esclarecidos em diferentes sociedades e por diferentes razões, mas um recente dossier sobre o tema, publicado pela revista *Le Magazine Littéraire*³ colocava uma pertinente questão: “devemos ter medo do género ou, pelo contrário, aproveitar a destabilização que o mesmo coloca às nossas normas de pensamento para transformar/melhorar a nossa sociedade.” O género é também uma *doutrina* em formação, cujos contornos de debate e investigação têm tido nos últimos anos uma exponenciação relevante, bem como têm interferido de forma fracturante na organização moral, ética e social das sociedades contemporâneas, o que por si só justifica a atenção que o tema nos merece.

EMÍLIA TAVARES

3. BOLLON, Patrice (coord.) “La guerre des “genres”, Janvier 2013, pp. 8-16.

Dear Emília

Estou ainda sob o efeito do ‘panótico’ depois de visitarmos a exposição do Museu do Hospital Miguel Bombarda. A área dedicada a Valentim de Barros, o bailarino e artista que viveu mais de 40 anos no Pavilhão de Segurança, impressionou-me tanto como me inspirou, em doses semelhantes, pelo reconhecimento da dor e da arte associados a uma vida regulamentada pelo hospital-prisão. Em exposição estavam duas fotografias a preto e branco de Valentim, performando para a câmara duas cenas que de algum modo caracterizam o que teria sido o seu dia-a-dia na cela, um espaço ínfimo de alguns metros quadrados, que nós também tivemos oportunidade de visitar.

Numa dessas fotos ele está à porta da sua cela, o olhar voltado para nós acolhendonos como o anfitrião, num ambíguo convite a trespassar a fronteira da domesticidade, simulada na utopia de um dia a dia caseiro sabido impossível, delimitado que estava pelas normas institucionais do cárcere. Os nossos olhares encontram-se nessa interrogação sobre o que poderá ser o quotidiano de um artista vivendo sob vigilância normativa do panótico arquitectónico. Noutra foto, o olhar evita-nos pois está concentrado na tarefa do bordado, uma das suas actividades artísticas diárias, a par da confecção de bonecas de pano/trapo e da pintura. Nesse momento de criatividade, o olhar deixa de nos confrontar e convida-nos a concentrarmo-nos naquele que foi o foco do seu trabalho diário.

Numa das suas três telas patentes nessa exposição, existe uma cena exemplar do seu estilo de pop-fantástico: uma paisagem de cores sorvete, numa estrada pontuada por tons brancos e rosa de arvores em flor e um castelo digno de *disneylandia*, na qual duas figuras em trajes femininos, em camisolas de gola alta, mini saias coloridas e meias brancas pelos joelhos estão entrelaçadas num abraço que as coloca de frente para o nosso olhar, mas os rostos, colados um ao outro, são indefinidos, *uncanny*, nem reconhecidamente raparigas nem rapazes, nem crianças nem adultas, a pose dos lábios em sorriso contrariada pelo vazio dos olhos negros, sugerindo corpos em estado de devir, de uma transgressão de potencial *queer* e *queerizante*.

Intitulámos este projecto **hetero q.b.** baseadas na premissa de que as sexualidades são um componente essencial do trabalho artístico e das relações de poder que se estabelecem entre as/os artistas e as instituições. As artes em Portugal são um espaço em permutação, negociável e flexível... até certo ponto, para além do qual se torna mais difícil senão impossível permeá-lo com projectos que desafiem, que vão para além das regras da hetero-normatividade. Exceções podem às vezes infiltrar o mundo da arte, mas a hetero-normatividade continua a ser assumida como a regra dominante. Heterossexualidade é assumida como o filtro normalizante – daí o título: hetero quanto baste (q.b.). Mas também a tua contraproposta sugerida no teu texto: hetero (geneidade) q.b., tanto no museu como na vida.

Ainda que possa parecer estranho dedicar um projecto com a palavra hetero (q.b.) no título e que reúne vídeos feitos por mulheres, e um artista *gay* como o Valentim de Barros, serve este tributo para enfatizar a perspectiva *queer* nas representações dos géneros e das sexualidades que ensaiámos neste projecto.

A metodologia de trabalho que adoptámos, caracterizada por misturas interdisciplinares para reposicionar o enlace da produção artística com a questão do género e da sexualidade, é semelhante à defendida por Lisa L. Moore no livro *Sister*

arts: the erotics of lesbian landscapes (2011). Nele, a autora parte de um poema do filósofo naturalista Erasmus Darwin para demonstrar que as artes paisagistas lésbicas, cultivadas por Mary Delany, artista e inventora da colagem botânica e Margaret Bentinck, colecionadora e patrona da ciência e das artes, eram celebradas pela comunidade artística que à sua volta se reuniam na Inglaterra do século XVIII.

Contudo, o seu uso da linguagem da flor e do jardim para exprimir intimidade e amor entre mulheres não está visível na história da arte e é só através de uma metodologia mais transversal, *queer*, que combine *gossip* (coscuvilhice), rumores, segredos, intuições, paixões, amizades com pesquisas de arquivos e o uso de objectos culturais e estéticos, que se torna possível aceder a uma historiografia que se encontra ainda por fazer. Foi esta abordagem que pusemos em prática no nosso programa, usando uma combinação de teoria crítica, narrativa biográfica, pesquisa de arquivo com conversas de café e partilha de segredos para mapear um território que ainda não está marcado. Poderíamos ter agregado uma proposta mais canónica, cingindo-nos a uma orientação feminista mais convencional, mas a metodologia *queer* que adoptámos partilha a dos artistas cujos trabalhos seleccionámos.

Os trabalhos de vídeo no programa para além de adoptarem também estas metodologias *queer* na sua conceptualização, têm um outro ponto em comum: não rejeitam o envolvimento com a masculinidade heteronormativa da sociedade patriarcal, que tem sido questionada por teorias e práticas feministas. Antes evidenciam uma exploração criativa dos mitos e fantasias acerca da masculinidade, demonstrando a necessidade de um jogo lúdico, físico e às vezes monstruoso com a masculinidade normativa e o machismo para um reconhecimento das masculinidades femininas *queer*.

No estudo *Female masculinity* (1998) Judith Halberstam defende que esta “masculinidade feminina”, masculinidade sem homens representada, por exemplo, nas mulheres masculinas ou nas raparigas arrapazadas (as denominadas “maria-rapaz”), longe de ser apenas imitação do masculino, oferece-nos uma antevisão de como a masculinidade normativa é construída enquanto tal: “as feminilidades masculinas são enquadradas como o lixo rejeitado da masculinidade dominante de modo a que esta ordem masculina possa surgir como a única realidade. Mas o que nós entendemos como masculinidade heróica foi produzido por e através de ambos os corpos masculino e feminino.”

O que são as masculinidades hetero ou alternativas neste programa? De que modo aparecem os géneros, os feminismos e o poder entrelaçados no trabalho artístico? Qual o impacto do trabalho artístico ser considerado heterossexual, homossexual ou de qualquer outro modo sexual? Trata-se de delinear estratégias de (des)normalização utilizadas por artistas nos seus trabalhos, perspectivas experimentais *queer* que desafiam as categorias estabelecidas de género e etnia/raça.

Neste espírito, o legado de Valentim de Barros no seu caso extremo de “outsider artist” condenado ao meio psiquiátrico (desde a Ditadura à Democracia) mais por ser considerado uma aberração de género do que por uma questão evidente de distúrbio mental, cria um contexto de recepção para uma arte *queer* invisível em Portugal, emergindo do entrelaçar de obsoletas e discriminatórias práticas institucionais com libertadores abraços internacionais.

paula roush

CALENDÁRIO

PURO ACTIVISMO (9 a 14 de Abril)

Zanele Muholi & Peter Goldsmid (África do Sul)

Difficult Love, 2010, vídeo, cor, som, 47'33"

Cortesia da artista e Stevenson Gallery, Cape Town e Joanesburgo

FICÇÕES E AUTORIDADE (16 a 21 de Abril)

Mare Tralla (Estónia)

Crazy Love, 2011, vídeo, cor, som, 7' 14"

Cortesia da artista

Roberta Lima (Brasil)

Please help yourself, 2008, vídeo, cor, som, 4' 24"

Cortesia da artista

Mare Tralla (Estónia)

Reading faces, 2011, vídeo, p/b, s/som, 5'30"

Cortesia da artista

Carla Cruz (Portugal)

Que Quem Está Ferido não se Recolha, Antes Despeje o seu Sangue no Mundo,

2009, vídeo, cor, som, 7' 55"

Cortesia da artista

VESTIR A LIBERDADE (23 a 28 de Abril)

Roberta Lima (Brasil)

Cut it out, 2007, vídeo, cor, som, 17' 15"

Cortesia da artista

Nilbar Güres (Turquia)

Soyunma/ Undressing, 2006, vídeo, cor, som, 6'19"

Cortesia da artista e Rampa Istanbul Gallery

Nisrine Boukhari (Síria)

The Veil, 2006, vídeo, cor, som, 3' 47"

Cortesia da artista e AllArtNow

Ana Bezelga (Portugal)

RE: Untitled (Facial Hair Transplants), 2006, vídeo, cor,som, 1'40"

Cortesia da artista

O EXOTISMO É UMA ARMA (30 de Abril a 5 de Maio)

Lilibeth Cuenca Rasmussen (Filipinas)

Absolute Exotic, 2005, vídeo, cor, som, 4'20''

Cortesia da artista

Pushpamala N. (Índia)

Indian Lady, 1997, vídeo, cor, sem som, 1' loop

Cortesia da artista e Gallery Nature Morte, Nova Deli

Mónica de Miranda (Portugal)

Biting nations, 2006, vídeo (HD), cor, som, 23'25''

Cortesia da artista

Cristina Regadas (Portugal)

Cling, 2012, filme super 8 transferido para vídeo, cor, som, 2' 46''

Cortesia da artista

O CORPO POLÍTICO (7 a 12 de Maio)

Oreet Ashery (Israel)

Hairoism, 2011, vídeo, cor, som, 15'12''

Cortesia da artista

Razan Akramawy (Palestina)

The Gate /Checkpoint, 2011, vídeo, cor, som, 6'36''

Performance realizada em Jerusalém Leste (Al-Quds), Palestina

Cortesia da artista

Maria Kheirkhah (Irão)

Dancing in the village, 2006, vídeo, cor, som, 1'40''

Cortesia da artista

Nisrine Boukhari (Síria)

Above 47, 2013, vídeo, cor, som, 2'

Cortesia da artista e AllArtNow

O SEXO DA HISTÓRIA (14 a 19 de Maio)

Mare Tralla (Estónia)

The Heroine of Post-Socialist Labour, 2011, vídeo, cor, som, 3' 42''

Cortesia da artista

Rita GT (Portugal)

One Night Event/Live Event (Guide Tour), 2009, vídeo, cor, som, 14'32''

Cortesia da artista

Maimuna Adam (Moçambique)

Fazer a mala, 2011, vídeo, cor, som, 8'

Cortesia da artista

Ana Pissarra (Portugal)

Neptunismo, 2013, vídeo, cor, som, 14'18''

Cortesia da artista

AS MULHERES VOLTAM SEMPRE A CASA (21 a 26 de Maio)

Maimuna Adam (Moçambique)

Entrelaçado, 2011, vídeo, p/b, sem som, 6'45''

Cortesia da artista

Maria Kheirkah (Irão)

Souvenir, 2003-2005, vídeo, cor, som, 6'

Cortesia da artista

Célia Domingues (Portugal)

Sem Título, 2002, vídeo, cor, som, 5' 20''

Cortesia da artista

Lilibeth Cuenca Rasmussen (Filipinas)

Seeing Pilar 2001, vídeo, cor, som, 33'

Cortesia da artista

FAMÍLIA, INTIMIDADE E MUNDO (28 de Maio a 2 de Junho)

Pushpamala N (Índia)

Rashtriy Kheer & Desy Salad (National Pudding and Indigenous S alad),
2004, vídeo, p/b, som dolby 11'

Cortesia da artista e Gallery Nature Morte, Nova Deli

Elisabetta di Sopra (Itália)

Family, 2012, vídeo, cor, s/ som, 9' 22''

Cortesia da artista

Susana Mendes Silva (Portugal)

Did I hurt you?, 2006, vídeo, cor, som, 3' 31''

Cortesia da artista

Célia Domingues (Portugal)

Sem Título, 2006, vídeo, cor, som, 10'26''

Cortesia da artista

Maria Lusitano (Portugal)

Mulher Moderna, 2005, vídeo, cor, som, 17'24''

Cortesia da artista

CORPOS DESVIANTES (4 a 9 de Junho)

Rachel Korman (Brasil)

Pure Pleasure, 2013, vídeo, p/b, som, 2' 43''

Cortesia da artista

Elisabetta di Sopra (Itália)

Skipping, 2009, vídeo, cor, som, 59''

Cortesia da artista

Catarina Saraiva (Portugal)

Vénus ao espelho, 2011, vídeo, cor, s/som, 1'05''

Cortesia da artista

Zanele Muholi (África do Sul)

What do you see when you look at me?, 2008, vídeo, cor, som, 4' 11''

Cortesia da artista e Stevenson Gallery

Tejal Shah (Índia)

There is a spider living between us, 2009, vídeo, cor e p/b, s/som, 6'45''

Cortesia da artista e Barbara Gross Galerie, Munique

INTERROMPER CÍRCULOS (11 a 16 de Junho)

Joana Bastos (Portugal)

Survive to Perform to Survive to Perform to Survive and so on, 2008, vídeo, cor, s/som, 30'

Cortesia da artista e Vera Cortês Art Agency

Hong Yane Wang (China)

Seating Code, 2010, vídeo, cor, som, 2'20"

Cortesia da artista

SIM, PROVOCAR, SIM (18 a 23 de Junho)

Sükran Moral (Turquia)

Bordello, 1997, vídeo, cor, som, 8'24"

Cortesia da artista e CDA – Projects & Galeri Zilberman

Oreet Ashery (Israel)

Dancing with men, 2013, vídeo, cor, som, 3'

Cortesia da artista

Itziar Okariz (Espanha)

Mear en espacios publicos y privados, 2000-2006, vídeo, cor, som, 7'

Cortesia da artista e galeria Moises Perez de Albeniz, Madrid

Ana Pérez-Quiroga (Portugal)

Inventário-Diário #1 Phales, 2009, vídeo, cor, sem som, 1'53"

Cortesia da artista

Oreet Ashery (Israel)

Semitic Score (Series: works with no series), 2010, vídeo, cor, som, 12'09"

Cortesia da artista

HISTÓRIAS DE ENCANTAR (25 a 30 de Junho)

paula roush e Maria Lusitano (Portugal)

Exchanging gifts out there in the orient, vídeo (HD), cor, som, 34'4"

Cortesia das artistas

Ana Pérez-Quiroga e Patrícia Guerreiro (Portugal)

As Aventureiras Again, 2010, vídeo, cor, som, 4' 21"

Cortesia das artistas

SINOPSES

9 A 14 DE ABRIL

Zanele Muholi & Peter Goldsmid (África do Sul)

Difficult Love, 2010, vídeo, cor, som, 47'33"

Cortesia da artista e Stevenson Gallery, Cape Town e Joanesburgo

Difficult Love é um documentário que analisa a realidade da comunidade lésbica negra na África do Sul. Através de entrevistas com Muholi e outras mulheres do seu círculo de amigas e conhecimentos, o filme traça o quotidiano duma minoria numa sociedade em que o preconceito em relação ao género assume uma banalizada violência. O relato intimista e pessoal e a fusão entre vida e arte, servem a Muholi para redigir um manifesto político sobre os direitos das minorias de género, numa sociedade enraizadamente tradicionalista e patriarcal. O filme assumiu uma relevante projecção internacional, tendo vindo a ser consagrado através de prémios em festivais e exposições por todo o mundo.

16 A 21 DE ABRIL

Mare Tralla (Estónia)

Crazy Love, 2011, vídeo, cor, som 7' 14"

Cortesia da artista

Ver televisão é uma das muitas actividades favoritas das donas de casa, sendo frequentemente o seu único prazer e significando um caminho para a inactividade e a depressão. Numa interpretação imediata, *Crazy Love*, é uma ilustração irónica e simples dessa situação. Uma mulher nua está sentada de forma desconfortável numa cadeira de criança diante dum ecrã de televisão, numa pose de desistência, triste e só, desejando algo inalcançável. As imagens da televisão mostram heroínas do cinema, mulheres lindas e apaixonadas. Contudo, numa análise mais profunda, o vídeo documenta o percurso pessoal da artista para “sair do armário”, ao visitar filmes e livros *queer*, abrindo lentamente o caminho para abandonar a sua desconfortável realidade heterossexual. O trabalho pretende também comentar a situação de muitas outras pessoas que cresceram durante o antigo regime soviético e que continuam a encenar uma vida de “normalidade”, incapazes de assumirem outras sexualidades em sociedades que continuam a ser extremamente homofóbicas. (Mare Tralla)

Roberta Lima (Brasil)

Please help yourself, 2008, vídeo, cor, som, 4' 24"

Cortesia da artista

Neste trabalho, Lima faz referências à personagens de ficção dos filmes de John Waters e de outros directores de Hollywood. O trabalho usa como tema a influência que diversos *media*, como a televisão, filmes e jornais, possuem sobre o público, na transformação da violência, associada ao feminino, em ícones glamorosos. O filme começa com uma montagem de 1 minuto e 40 segundos inspirada na dualidade dos personagens femininos da história do cinema. Por exemplo, em “Serial Mom”

(1994) Kathleen Turner encena a personagem fictícia da perfeita mãe e dona de casa que vive uma vida dupla como *serial killer*. O filme também retrata mulheres que ficaram famosas pelos seus actos de violência na sociedade ocidental, como Patty Hearst – um verdadeiro exemplo de *glamour* transformado em guerrilha – e Maria Bonita, a figura icónica do folclore brasileiro. (Roberta Lima)

Mare Tralla (Estónia)

Reading faces, 2011, vídeo, p/b, s/som, 5'30"

Cortesia da artista

Neste vídeo a artista coloca em diálogo duas personagens de dois emblemáticos filmes estonianos, Agnes de “A Última Relíquia” (1969) de Grigori Kromanov, e Veronika de “Ave Vita” (1970) de Almantas Grikevičius. Ambas as personagens defrontam-se com momentos decisivos nas suas vidas. Agnes é pedida em casamento por um homem que não ama para salvação de uma relíquia sagrada. Veronika descobre que está grávida. Ambas as personagens lutam para serem mulheres independentes, procurando o seu eu. No vídeo, estas heroínas são destituídas das suas vozes, apenas as suas faces são visíveis, encetando uma conversa silenciosa de olhares, apenas interrompida por legendas que reflectem o modo como o poder das estruturas patriarcais (o convento e o hospital) tentam controlar o corpo e a vida íntima das mulheres. Deste modo, os verdadeiros sentimentos de Agnes e Veronika podem ser lidos apenas através dos seus rostos. (Mare Tralla)

Carla Cruz (Portugal)

Que Quem Está Ferido não se Recolha, Antes Despeje o seu Sangue no Mundo, 2009, vídeo, cor, som, 7' 55"

Cortesia da artista

A performance registada neste vídeo foi efectuada pela artista no Open Festival of Performative Arts em Beijing na China em 2009. Neste trabalho, Carla Cruz problematiza acerca do papel da mulher na sociedade portuguesa, baseada no projecto feminista de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa “Novas Cartas Portuguesas”, escritas durante o regime fascista em Portugal, em 1971, com grande significado fracturante para a sociedade portuguesa e que suscitou enorme interesse internacional. A performance da artista utiliza textos originais das autoras referidas, assim como outros escritos pela própria. A estranha narrativa é acompanhada pela revelação de uma banda pintada com uma sequência de oito episódios que representam os papéis estereotipados que ainda hoje a sociedade espera das mulheres. (Carla Cruz)

23 A 28 DE ABRIL

Roberta Lima (Brasil)

Cut it out!, 2007, vídeo, cor, som, 17' 15"

Cortesia da artista

Cut it out! é uma crítica à adaptação do corpo feminino às normas da sociedade e uma metáfora sobre a construção e desconstrução da feminilidade. Durante

a performance ocorrem a criação, transformação e destruição de um vestido inspirado na reforma feminista do século XIX nos Estados Unidos, a designada *Dress Reform*. A performance é dividida em três estágios, todos documentados em vídeo e projectados. As câmaras foram posicionadas estrategicamente em relação ao meu corpo e às telas de projecção, funcionando como um *co-performer*. O primeiro estágio evoca a construção do vestido inspirado no traje turco, ou o chamado *Bloomer costume* (uma combinação de vestido curto e calças que revolucionou o traje feminino na época) e ocorreu em estúdio, os actos do segundo e terceiro estágio, transformação e destruição do vestido, foram encenados, filmados e expostos simultaneamente ao vivo para a audiência. O vestido foi fixado com agulhas de *piercing* e uma fita ao meu corpo. Deste modo metafórico o conforto foi substituído por dor e constrangimento. O vestido é então ajustado, redefinindo a sua forma de acordo com os padrões de beleza tradicionais. As agulhas simbolizam o corpo que é penetrado, invadido, o corpo a ser disciplinado. A destruição, o último estágio, representa a libertação do corpo, redefinindo o *Dress Reform* como um item de vestuário revolucionário. (Roberta Lima)

Nilbar Güres (Turquia)

Soyunma/ Undressing, 2006, vídeo, cor, som, 6'19''

Cortesia da artista e Rampa Istanbul Gallery

Undressing surgiu como uma resposta à crescente islamofobia no Ocidente, especialmente na era pós 11 de Setembro e à imagem da mulher muçulmana difundida pelas correntes políticas de radicais de extrema-direita na Europa, deixando essa imagem destituída de identidade. Se o teu país de origem foi catalogado com muçulmano, estar ou não coberta por um véu não faz a diferença. À medida que fui realizando este vídeo a minha prioridade foi revelar a autonomia e identidade da mulher, independentemente da sua religião ou ideologia política. Deste modo, utilizei o conceito de “despir” para funcionar como uma analogia reversa. Ao representar o cobrir com um véu através do despir incorporei também elementos biográficos ao trabalho, nomeando várias mulheres que assumem as diversas formas de colocar o véu, personalizando o seu uso e quem o usa. (Nilbar Güres, 2006)

Nisrine Boukhari (Síria)

The Veil, 2006, vídeo, cor, som, 3' 47''

Cortesia da artista e AllArtNow

Não é impossível rasgar qualquer véu; é em vão que se tenta esconder uma ideia. O ecrã foi transformado num furioso véu vermelho puxado por movimentos de mãos que expressam todo um corpo através da forma da performance, abstracção e inspirado simbolismo que alimenta a imaginação da audiência acerca do que se esconde atrás do véu. (Nisrine Boukhari)

Ana Bezelga (Portugal)

RE: Untitled (Facial Hair Transplants), 2006, vídeo, cor,som, 1'40''

Cortesia da artista

Este trabalho é uma reencenação da performance *Untitled (Facial Hair Transplants)* concebida por Ana Mendieta em 1972. O *restaging* realizado num estúdio em Malmö, em 2006, foi baseado em fotografias da performance original, recolhidas da monografia *Ana Mendieta: Earth Body: Sculpture and Performance, 1972 – 1985*, de Olga M. Viso. A documentação digital resultante do *restaging* foi pós-produzida com a documentação original, transferida para uma projecção de diapositivos e posteriormente estruturada numa sequência de vídeo que sugere uma narrativa conceptual diferente daquela originalmente proposta por Mendieta. Neste projecto abordei o cabelo como um símbolo de poder. Referi-me a ele segundo o conceito foucaultiano do cuidar do ser político. Interessaram-me as hierarquias. O cabelo pode ser uma ponte entre as esferas públicas e privadas nas representações da estética da intimidade. Pretendi reflectir sobre o modo como o cabelo tem sido usado historicamente e de forma mais concreta no âmbito das lutas políticas das mulheres. (Ana Bezelga)

30 DE ABRIL A 5 DE MAIO

Lilibeth Cuenca Rasmussen (Filipinas)

Absolute Exotic, 2005, vídeo, cor, som, 4'20''

Cortesia da artista

Este vídeo é, de certo modo, um ponto de viragem na carreira da artista. Ao regressar ao material autobiográfico, esta é a sua primeira apresentação como uma *rapper* de pleno direito, oferecendo uma representação obviamente tendenciosa mas incrivelmente inteligente e desconcertante sobre a dor e a revolta de ser rejeitada por um homem, a favor, não apenas de outra mulher, mas de uma mulher negra. (...) O texto da canção é politicamente incorrecto, e a questão é que o racismo está em toda a parte, mesmo nas relações benevolentes e a qualquer momento as categorias raciais acentuam a distância entre nós. *Absolute Exotic* atravessa fronteiras entre o público e o privado, já que é também um caso de vingança agriçoce, virando a mesa duma vez por todas. (...) Não é apenas outro panfleto sobre preconceito racial, mas antes uma reflexão que explora novas leituras, e nem temos de simpatizar com a artista. Ela entrega a interpretação da obra ao espectador que terá de encontrar a forma de se relacionar com ele. (Excerto de *Darkness of the Heart, Lilibeth Cuenca por PONTUS KYANDER*, crítico de arte, curador. Catálogo Danskjävler, Charlottenborg, Copenhagen, 2008)

Pushpamala N. (Índia)

Indian Girl, 1997, vídeo, cor, sem som, 30''

Cortesia da artista e Gallery Nature Morte, Nova Deli

O percurso artístico de Pushpamala tem sido marcado pelo questionamento da representação nativa, nos seus modelos antropológicos e etnográficos. A artista questiona frequentemente o conceito de exotismo dentro e fora da cultura indiana,

colocando em confronto os seus muitos estereótipos e contaminações culturais e políticas. É o caso deste vídeo em que a artista coloca a encenação como gênese de toda a representação, estabelecendo desde logo percepções transculturais, que a mudez do filme enfatiza, colocando o modelo exótico no patamar da sua mais elementar superficialidade. (Emília Tavares)

Mónica de Miranda (Portugal)

Biting nations, 2006, vídeo (HD), cor, som, 23'25"

Cortesia da artista

Este vídeo foi produzido em colaboração com Luna Montenegro, Lisa Bradley e Arantxa Johnson e questiona a rigidez das identidades nacionais, investigando as múltiplas noções de pertença geográfica. Através de uma performance, a artista rói unhas falsas pintadas com as cores de várias bandeiras com as quais se sente cultural ou pessoalmente relacionada, criando uma sensação perturbadora no espectador. Questiona a forma como as identidades da diáspora podem ser definidas através de várias nações e entre culturas distantes. Este trabalho aborda também o impacto da emigração na criação de um conceito de hibridismo cultural. Através deste contemporâneo processo de hibridação cultural, as velhas certezas e hierarquias sobre a identidade nacional são erodidas e colocadas em questão num mundo em que as fronteiras se dissolvem e quebram continuidades. (Mónica de Miranda)

Cristina Regadas (Portugal)

Cling, 2012, filme super 8 transferido para vídeo, cor, som, 2' 46"

Cortesia da artista

Cling foi filmado na cidade do Porto, e pertence a um projecto de constante indagação acerca dos elementos. Na captação espontânea de imagens, tanto em fotografia como em filme, a câmara é utilizada de uma forma impulsiva. Ao filmar em 8mm, o tempo de gravação é limitado, sendo a gestão dos 3 minutos de cada cartucho próxima dum registo fotográfico. A estranheza que envolve a imagem remete a sua percepção para culturas imaginárias e exóticas, construindo através da sua natureza ilusória uma teia de possibilidades transculturais, sem limites entre o real e a ficção. (Emília Tavares)

7 A 12 DE MAIO

Oreet Ashery (Israel)

Hairoism, 2011, vídeo, cor, som, 15'12"

Cortesia da artista

Durante uma performance a artista rapa o seu cabelo, construindo desta forma um *remake* do filme de Eleanor Antin, "The King", de 1972, em que a artista se transformava no seu alter-ego masculino. Uma vez careca, recebe cabelo doado pela audiência para imitar os cortes de cabelo de quatro homens famosos – o comandante do exército israelita em 1950, Moshe Dayan, o membro do *Hamas* Mousa Mohammed Abu Marzouk, o ex-ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Avigdor Lieberman, conhecido pelo seu radicalismo político, e Yasser Arafat/ Ringo Starr. Através do processo de implantação do cabelo, a artista vai tomando

a aparência de cada uma destas figuras masculinas, em que cada vez maiores quantidades de cabelo vão sendo coladas ao seu rosto e corpo até se transformar num “monstro” de cabelo. A performance foi documentada com 5 imagens Polaroid e as imagens vídeo das figuras masculinas são de arquivo. (Oreet Ashery)

Razan Akramawy (Palestina)

The Gate /Checkpoint, 2011, vídeo, cor, som, 6’36”

Performance realizada em Jerusalém Leste (Al-Quds), Palestina

Cortesias da artista

Num primeiro momento pensei no título do workshop... Para a frente e para trás... E comecei a desenhar linhas e a visualizar a ideia no papel. E implementei Falsas Barreiras separando-nos da realidade, sou como uma máquina! Esperando pelos comandos, os meus passos são contados, os meus olhos esperam pela linha verde para atravessar. Quanta crueldade ao imporem-me um espaço limitado, controlarem as minhas acções e movimentos. Restringindo os meus movimentos, não respeitando a minha privacidade, o meu tempo, e a minha idade. Só tenho um pensamento. Como é que o meu corpo e os meus pensamentos podem passar através das barras de aço, o mais rápido possível? Sem que a minha energia positiva seja confiscada. Este trabalho foi filmado na Cidade Velha de Jerusalém, no Suq Al Dabbagh, Santo Sepulcro e Bairro Judeu. (Razan Akramawy)

Maria Kheirkhah (Irão)

Dancing in the village, 2006, vídeo, cor, som, 1’40”

Cortesias da artista

Este trabalho pode ser interpretado como uma coreografia que se combate a si própria para se afastar das agendas e limitações impostas ao corpo feminino pelas narrativas culturais iranianas e europeias. Na verdade, trata-se duma deslocação da dança para uma forma de expressão política em defesa da própria artista. Simultaneamente, Kheirkhah recupera a interpretação orientalista da *raqs sharqi* (dança do ventre) mas de uma forma que desafia os contornos nacionalistas e patriarcais, já que no seu protesto dança de forma solidária com uma única voz feminina que canta em árabe (a língua materna da artista é o Farsi, Pérsia); colocando em questão a percepção hegemónica europeia do “Médio Oriente”, assim como a visão islâmica, quando se apresenta numa pose inapropriada de cabeça descoberta. Deste modo, os seus movimentos pretendem ser uma reflexão ética, uma dança de consciência. (Adelaide Bannerman)

Nisrine Boukhari (Síria)

Above 47, 2013, vídeo, cor, som, 2’

Cortesias da artista e AllArtNow

Este trabalho aborda o atentado aos direitos das mulheres combinando processos políticos e extremismos religiosos. Num local onde a temperatura excede os 47 graus de extremismo e o inferno da terra, este inferno, aumenta e se dissemina para muitos outros lugares, podemos ver esta personagem dividida em três planos de imagens em movimento. A imagem do meio mostra um vago retrato através de uns olhos que fixam a audiência, o segundo plano à esquerda mostra alguém

a cortar cabelo a uma mulher, e o terceiro plano mostra a violação dum espaço em branco por uma caneta de tinta preta até que os três planos são envolvidos pelo negro, ficando apenas os olhos fixos nessa mancha negra. O trabalho evoca o tema proibido da Trindade, apresentando a problemática do extremismo político e religioso, tanto de esquerda como de direita, que se tornou frequentemente a causa de sofrimento para os povos e as sociedades. (AllArtNow)

14 A 19 DE MAIO

Mare Tralla (Estónia)

The Heroine of Post-Socialist Labour, 2011, vídeo, cor, som, 3' 42''

Cortesias da artista

Durante o regime soviético as mulheres eram celebradas como heroínas trabalhadoras, agricultoras, operárias fabris, etc. Os aspectos ligados à condição das mulheres e da sua vida quotidiana eram negligenciados e mesmo tabu. Por isso não é de admirar que as mulheres nas novas e independentes sociedades capitalistas da Europa de Leste sejam obcecadas com a noção de feminilidade e de “beleza feminina”. A mulher que aspira a ser uma super modelo de corpo e aparência tornou-se a nova heroína trabalhadora do pós-socialismo. Para aspirar a tal, têm de trabalhar de forma dura e dedicada. No meu trabalho, observo de forma irónica esta nova heroína, confrontando-a com imagens de arquivo do período soviético. (Mare Tralla)

Rita GT (Portugal)

One Night Event/Live Event (Guide Tour), 2009, vídeo, cor, som, 14'32''

Cortesias da artista

A projecção de vídeo regista uma acção performativa em que a artista, vestindo o fato de trabalho tradicional de uma ceifeira de Viana do Castelo, atravessa várias salas de quatro museus da cidade de Berlim. As colecções expostas descrevem um arco temporal e geográfico, como se se tratasse de uma viagem de circum-navegação que atravessa diferentes períodos da história da humanidade. O fato de trabalho envergado pela artista pode ser compreendido como um símbolo universal, um referente que em todas as culturas se traduz por uma indumentária identificativa da cultura a que pertence cada indivíduo. Deste modo, o lugar da memória colectiva, e do confronto com o nosso legado cultural e político, é o museu como ferramenta da construção da história, como zona de contacto e de confronto. RitaGT encarna uma personagem que inicia uma espécie de viagem panorâmica, como um comentário corrosivo sobre a história das relações de poder entre centro e periferia. (João Silvério)

Maimuna Adam (Moçambique)

Fazer a mala, 2011, vídeo, cor, som, 8'

Cortesias da artista

Fazer a Mala mostra um processo frustrante de arrumação de objectos de conotações diversas. Este trabalho pode ser interpretado como uma meditação sobre a ligação e

distância entre a artista, a sua irmã e a sua mãe. Uma ‘auto-bio-grafia’ ou retrato feito por objectos como livros, pó de caril, um tubarão de *peluche*, uma representação de uma palhota em madeira e uma máscara decorativa. (Maimuna Adam)

Ana Pissarra (Portugal)

Neptunismo, 2013, vídeo, cor, som, 14’18”

Cortesia da artista

Filmado na zona costeira da Fonte da Telha, o vídeo mostra destroços piscatórios e uma viagem cíclica entre a cidade e o mar, através duma performance protagonizada por uma mulher. Nos gestos ritualizados e repetidos desvela-se e confronta-se a sua identidade, a que os excertos da obra *O Marinheiro* de Fernando Pessoa parecem conferir maior paradoxalidade. Com tanto de encantatório como de melancólico, o filme apropria-se duma mitologia patriarcal ligada ao mar, mas que encontra na cultura portuguesa da figura feminina da varina, enquanto a mulher dos homens do mar, a representação do lado trágico da vida marítima. Neste estereótipo feminino da cultura portuguesa traçam-se também as heranças sociais e políticas de uma ideia de destino fatal, impossível de mudar. (Emília Tavares)

21 A 26 DE MAIO

Maimuna Adam (Moçambique)

Entrelaçado, 2011, vídeo, p/b, sem som, 6’45”

Cortesia da artista

Entrelaçado apresenta-se como uma reflexão que relaciona o acto de *trançar* com o processo de viagem e estabelecimento noutra terra relacionado com a emigração da minha avó paterna da Índia para Moçambique. A trança e o acto de *trançar*, sugerem uma exploração da relação entre a terra natal e as múltiplas experiências femininas de migração. (Maimuna Adam)

Maria Kheirkah (Irão)

Souvenir, 2003-2005, vídeo, cor, som, 6’

Cortesia da artista

Neste vídeo a artista apresenta a sequência de uma viagem à memória, à terra natal e à sua deslocação. Através de uma viagem à antiga cidade de Yazd, Irão, a artista visita muitos dos lugares que para ela lhe dão a sensação de “casa”. Caminha solitariamente através das paisagens serenas de montanhas rugosas e desertos da região. Existe um profundo e completo sentido de emancipação neste trabalho, particularmente em relação aos constrangimentos da densidade populacional das cidades. Através deste percurso a artista vai colecionando ar em sacos de plástico que depois cataloga, em persa, com a data e o local da recolha. Coleccionar ar serve como metáfora para o guardar de memórias, a memória do local que ela pode depois transportar para outra casa. O vídeo termina na Grã-Bretanha com a artista aspirando o ar que trouxe guardado do Irão. A sua performance apresenta a relevância deste objecto transitório enquanto um sistema de respiração necessário para sobreviver entre viagens. (Copyright Sara Raza 2007)

Célia Domingues (Portugal)

Sem Título, 2002, vídeo, cor, som, 5' 20''

Cortesia da artista

Uma viagem que começa em Lisboa rumo ao sul do País, Évora, local onde a família da autora se reúne para mais um almoço. Neste simples encontro de família, as pessoas organizam-se por sexo e idade. Toda esta acção acompanha um outro acontecimento apresentado em texto, no qual é descrito um episódio histórico que teve lugar no Parque Eduardo VII, em Lisboa: a primeira tentativa de revolução feminina no pós 25 de Abril. Nesta tentativa fracassada, três mulheres – as protagonistas – tentaram queimar vassouras, panos do pó e soutiens, símbolos de opressão feminina a que queriam pôr fim. Com muitos homens presentes no local, a manifestação terminou sem que fossem cumpridos os objectivos: perseguidas pelos espectadores masculinos que gritavam “Dispam-nas, dispam-nas”, às mulheres nada mais restou além da fuga. (Célia Domingues)

Lilibeth Cuenca Rasmussen (Filipinas)

Seeing Pilar 2001, vídeo, cor, som, 33'

Cortesia da artista

Neste vídeo, a artista continua a explorar os vastos territórios das identidades e, sobretudo, da identificação. Durante um período de tempo, a artista vai morar com a sua avó numa favela nos arredores de Manila, contando-nos a história acerca de duas mulheres de diferentes gerações, mas ainda com evidentes laços emocionais. Composto numa série de pequenos episódios a narrativa apresenta reviravoltas humorísticas, mas no essencial estrutura-se na discrepância entre a intimidade e a grande diferença de comunicação e entendimento mútuo. (Excerto de *Darkness of the Heart, Lilibeth Cuenca* por PONTUS KYANDER, crítico de arte, curador. Catálogo Danskjävler, Charlottenborg, Copenhagen, 2008)

28 DE MAIO A 2 DE JUNHO

Pushpamala N (Índia)

Rashtriy Kheer & Desy Salad (National Pudding and Indigenous S alad), 2004, vídeo, p/b, som, 11'

Cortesia da artista e Gallery Nature Morte, Nova Deli

Esta obra é um olhar brincalhão e irónico ao modo como a moderna família indiana se via a si própria, logo após a independência. A artista utiliza excertos dos livros de receitas, dos anos 50 e 60, da sua mãe e sogra para criar uma montagem de texto, imagem e música resultante das notas militares do pai, um coronel do exército, as receitas e notas domésticas da pesada e grávida mãe e os trabalhos de casa do filho – tudo encontrado nas páginas de livros de recortes. O título do vídeo é retirado de duas receitas do Dia da Independência baseadas nas cores da bandeira Indiana. (Gallery Nature Morte, Nova Deli)

Elisabetta di Sopra (Itália)

Family, 2012, vídeo, cor, s/ som, 9' 22''

Cortesia da artista

Nesta obra a artista encena uma coreografia em colaboração com o colectivo Jennifer Rosa, interpretada por Gabriele Maboni, Vasco Manea e Martina Peretti, sob a direcção de Chiara Bortoli. Através dum bailado em câmara lenta a artista expõe fisicamente as tensões emocionais latentes nos modelos familiares. Um jogo de violência contida domina os três corpos que disputam a atenção e o domínio uns sobre os outros, colocando a criança, o elemento mais frágil, como estrutura de um confronto familiar, tantas vezes repetido no quotidiano contemporâneo. (Emília Tavares)

Susana Mendes Silva (Portugal)

Did I hurt you?, 2006, vídeo, cor, som, 3' 31''

Cortesia da artista

Partindo da unidade mais simples do desenho e da geometria – o ponto – o vídeo constrói-se a partir do acto de perfurar. O uso de um alfinete que atravessa e fura irreversivelmente a folha de papel tem, no vídeo, tanto de violento como de belo. Essa perfuração liga-se também com modos de escrita quase invisíveis – o Braille ou os cartões perfurados de Jacquard (que foi a primeira linguagem digital visual, pois as marcações nos cartões transformavam-se em padrões de tecidos). *Did I hurt you?* remete-nos para um universo ligado ao questionamento das fronteiras da perversão das relações humanas mais íntimas. De que forma é que nos relacionamos com os outros no campo dos afectos, do desejo, e das violências inconfessáveis? (Susana Mendes Silva)

Célia Domingues (Portugal)

Sem Título, 2006, vídeo, cor, som, 10'26''

Cortesia da artista

Sem Título é um vídeo que decorre entre Évora e Lisboa, entre o espaço público e privado. Apresenta alguns dos relatos de mulheres, que viveram a experiência do aborto, recolhidos através de uma linha telefónica da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta), denominada S.O.S Aborto. (Célia Domingues)

Maria Lusitano (Portugal)

Mulher Moderna, 2005, vídeo, cor, som, 17'24''

Cortesia da artista

Através de uma selecção de imagens retiradas de revistas de lazer e moda (Elle, Vogue, Marie Claire, Life) dos anos 50 e 60 do século XX, este projecto conta a história de emancipação da mulher em meados do século XX. Uma mulher que tentava romper com a monotonia da sua vida através da “viagem” pelas imagens destas revistas, pontuadas por assuntos do quotidiano mas também por acontecimentos históricos como a tomada de Shangai pela China comunista, ou a

devastação e reconstrução da Europa depois da II Guerra Mundial, lado a lado com as notícias que iam influenciando a sua vida diária e seriam determinantes na sua construção como “mulher moderna”. (Maria Lusitano)

4 A 9 DE JUNHO

Rachel Korman (Brasil)

Pure Pleasure, 2013, vídeo, p/b, som, 2' 43''

Cortesia da artista

Onde o rio encontra o mar. O pontão da Barra do Douro (foz do Douro, Porto, Portugal) estabiliza as margens do rio e melhora as condições de navegabilidade e de segurança. Esta construção, uma forte estrutura de cimento tem vários orifícios abertos para o mar e a maré provoca a subida de água até a superfície do pontão, libertando um som muito particular. Neste trabalho, Rachel utiliza de novo as fronteiras ou o encontro entre o conceito de erotismo e pornografia para encenar uma coreografia entre som e imagem feita de sugestividade, ocultação e exploração do imaginário sexual. (Emília Tavares)

Elisabetta di Sopra (Itália)

Skipping, 2009, vídeo, cor, som, 59''

Cortesia da artista

Nesta obra a artista aborda o tema da passagem do tempo sobre o corpo feminino como uma inevitabilidade cujas marcas emocionais e físicas são sempre traumatizantes. Através dum plano fixo, os pés envelhecidos e marcados pelo tempo de uma mulher são sujeitos ao exercício de saltar à corda, apesar do enquadramento muito fechado do plano, percebemos, através do som e do movimento esforçado que se esboça, um sentido de luta contra a inexorabilidade do tempo e dos efeitos do envelhecimento na apreciação da capacidade humana. Aspecto que, quando abordado no feminino, sempre tem sido alvo de um maior preconceito e pressão social face aos ideais de beleza que a contemporaneidade tem estabelecido quanto à imagem física e sexual da mulher. (Emília Tavares)

Catarina Saraiva (Portugal)

Vénus ao espelho, 2011, vídeo, cor, s/som, 1'05''

Cortesia da artista

As referências artísticas e mitológicas do tema da *Vénus ao espelho*, que evocam a tela com o mesmo nome de Diego Velázquez, são subvertidas pela artista, numa interpretação que reverte o ideal de beleza feminino que o tema representa na cultura ocidental. Numa inversão do efeito de espelho e do seu reflexo glamoroso, esta Vénus confronta-se com o atributo do cabelo como processo de ocultação mas também de subversão dos códigos românticos e idealistas da representação feminina, na arte como na vida. Interessante é também o facto de a tela de Velázquez ter sido vandalizada por uma sufragista britânica em 1914, Mary Richardson, em protesto contra a prisão de uma sua companheira, vindo na simbologia da tela uma forma estereotipada e patriarcal de entender a representação das mulheres. (Emília Tavares)

Zanele Muholi (África do Sul)

What do you see when you look at me?, 2008, vídeo, cor, som, 4' 11''

Cortesia da artista e Stevenson Gallery, Cape Town e Joanesburgo

Este trabalho examina a ocidentalização do acto de olhar/contemplar, perceber e em última análise de mapear. A questão que se coloca é a de saber o que é imaginado e registado na mente de um espectador quando observa um corpo feminino negro “contra” um fundo branco. Existe, conforme refere Sherene Razack (2002), uma importante relação entre espaço e identidade, e nos espaços ocidentalizados e europeizantes continua a ser um aspecto problemático de espaço/localização o modo como o corpo feminino negro é posicionado nas galerias públicas ou nos espaços privados. A textura e a cor do corpo são elementos que levam ao constrangimento do observador ou contemplador, resultando numa reprodução do preconceito, marginalização e negação da diversidade do corpo feminino negro. Por exemplo, continuam a existir preconceitos na relação entre os corpos negros e o desejo, o que leva a que sejam entendidos como hipersexuais, heterossexuais, infectados e doentes. Nesta obra, uso o meu ser como auto-referente do meu próprio corpo que habita um espaço “branco” (...). As imagens são acompanhadas por diferentes sons e pela minha própria voz recitando o poema “I ache for you” (Eu sofro por ti) de Yvonne Onakeme Etaghene (2004). (excertos do texto de Zanele Muholi no website <http://www.zanelemuholi.com/videos.htm>)

Tejal Shah (Índia)

There is a spider living between us, 2009, vídeo, cor e p/b, s/som, 6'45''

Cortesia da artista e Barbara Gross Galerie, Munique

Este trabalho experimental tem como tema central o desejo – a aprendizagem de duas pessoas para se tornarem uma. Tal assimilação também existe na diversidade de técnicas utilizadas na linguagem do vídeo tais como a fotomontagem, as imagens fixas ou o desenho de animação. Vagueamos através de camadas de linguagem, sexualidade lésbica e tribadismo – um acto sexual que é simultaneamente de fusão e de cisão. No final estamos entregues a um escuro vazio, um espaço para reflectirmos na natureza do uno. (Tejal Shah no website <http://tejalshah.in/project/there-is-a-spider-living-between-us/>)

11 A 16 DE JUNHO

Joana Bastos (Portugal)

Survive to Perform to Survive to Perform to Survive and so on, 2008, vídeo, cor, s/som, 30'

Cortesia da artista e Vera Cortês Art Agency

Este trabalho consiste em dois momentos não simultâneos: uma performance; uma projecção de vídeo. Na projecção, o vídeo capta a limpeza, realizada por uma equipa especializada, em todos os espaços da Fundação Calouste Gulbenkian. Eu sou uma das empregadas de limpeza. (Joana Bastos)

Hong Yane Wang (China)

Seating Code, 2010, vídeo, cor, som, 2'20''

Cortesia da artista

Este vídeo é uma adaptação de uma instalação que a artista realizou sobre o sexismo na indústria cinematográfica na China. A artista denuncia o mito de que traz má sorte para um filme uma mulher sentar-se nas caixas técnicas utilizadas nos locais de filmagem. Como consequência deste preconceito não existem praticamente operadoras de cinema na China. Hong entrevistou mais de 20 elementos de equipas de filmagem, pedindo-lhes que narrassem o modo como esta situação o/a afecta na sua realidade. A atitude varia muito, focando-se sobretudo no esforço de explicar o significado sexual da lente da câmara. (Hong Yane Wang)

18 A 23 DE JUNHO

Sükran Moral (Turquia)

Bordello, 1997, vídeo, cor, som, 8'24''

Cortesia da artista e CDA – Projects & Galeri Zilberman

Bordello foi uma performance realizada em 1997 pela artista num bordel localizado em Yüksekaldırım, Istanbul. À entrada do bordel um cartaz anunciava “Museu de Arte Moderna”, enquanto Moral empunhava um papel com a frase “Para Venda”. O vídeo documenta a performance da artista na sua interacção com os clientes, redefinindo a relação que se estabelece entre ambos pela exposição explícita e pela provocação. Desta forma subverte a dinâmica de poder habitual nas relações de prostituição ao transformar o olhar masculino sobre a mulher enquanto objecto, num olhar sobre o tema da prostituição. (CDA – Projects & Galeri Zilberman)

Oreet Ashery (Israel)

Dancing with men, 2013, vídeo, cor, som, 3'

Cortesia da artista

Através do seu alter-ego masculino Marcus Fisher, um judeu ortodoxo, a artista tem realizado uma série de obras em que questiona e examina a identidade cultural, sexual e religiosa. Frequentemente os seus trabalhos em vídeo, fotografia ou performances, confrontam as tradições seculares com a questão do “outro”, colocando à prova os limites da multiplicidade cultural e religiosa das sociedades. De uma forma provocatória a artista confronta a ortodoxia judaica com os seus tabus como a homossexualidade ou o travestismo. Neste trabalho, em particular, ela própria afirma que quis experimentar a sensação pertença, história e lar, enquanto personagem *queer*, Marcus Fisher, ao dançar com homens judeus durante a celebração religiosa de “Lag Baomer”. (Oreet Ashery)

Itziar Okariz (Espanha)

Mear en espacios publicos y privados, 2000-2006, vídeo, cor, som, 7'

Cortesia da artista e galeria Moises Perez de Albeniz, Madrid

Esta performance tem sido desenvolvida ao longo de vários anos em espaços públicos e privados. Não existe audiência nestas acções, muito embora frequentes

vezes tenha tido público ocasional durante a performance. Costumo escolher ocasiões de menor afluência devido ao carácter furtivo ou ilegal da própria performance. Neste sentido, interessa-me delinear o que é legalmente permitido e o que não é, na definição do indivíduo na sociedade. As performances são sempre documentadas em vídeo ou fotografia. Por outro lado, a premissa do trabalho é que cada acção seja efectuada como o título a descreve (localização incluída). O interesse do trabalho resulta não apenas do seu aspecto visual mas das relações entre os seus vários aspectos e expressões. Por exemplo, na performance “Mijar com a minha mãe na Ponte Pulansky” o título e a acção complementam-se. Outra questão importante é que “mijar de pé” está associado à identidade masculina. Até agora, a escolha de locais e situações para a performance tem sido baseada na ideia de expandir o espectro de significâncias do trabalho. (Itziar Okariz)

Ana Pérez-Quiroga (Portugal)

Inventário-Diário #1 Phales, 2009, vídeo, cor, sem som, 1'53”

Cortesia da artista

Os Gregos não só puseram o Falo no centro do mundo (Delfos), como pensaram que o mundo dos homens e das mulheres (cf. a Comédia) girava em torno do símbolo divino da virilidade e fertilidade (Phales). À sua maneira, o presente vídeo desvela parte deste antigo Mistério, pois à força de subir e descer enroscada numa forma fálica, acaba por cair a seus pés. (Ana Pérez-Quiroga)

Oreet Ashery (Israel)

Semitic Score (Series: works with no series), 2010, vídeo, cor, som, 12'09”

Cortesia da artista

Intervenientes: 2 Fik, Ali Kaviani e Guy Nader

Esta performance com o alter-ego judeu ortodoxo masculino de Oreet, Marcus Fisher reproduz um vídeo de arquivo, em que dois gatos brincam com uma pantera de brinquedo numa cave suja, segundo instruções que vão sendo dadas. Na representação das mesmas cenas ao vivo, está um bailarino contemporâneo árabe ou muçulmano *decente*. Influenciados pelas técnicas do movimento Fluxus que consistia em dar descrições/instruções para as acções, estas instruções Semíticas baseiam-se na ideia de vencer sobre si mesmo e juramento, projectando uma imagem psicológica do Médio Oriente, vista pelo Ocidente ou por experiência própria. (Oreet Ashery)

25 A 30 DE JUNHO

paula roush e Maria Lusitano (Portugal)

Exchanging gifts out there in the orient, vídeo (HD), cor, som, 34'4”

Cortesia da artista

Este ensaio de vídeo é um prolongamento da nossa pesquisa sobre Valentine Penrose, e o seu livro *Don des Féminines* (1951), uma foto-novela modernista. Este pioneiro conceito de colagem-poema é uma reencenação da obra de Max Ernst, *Une Semaine de Bonté* (1934), e uma crítica à hegemonia patriarcal evocada na obra de

Ernst. As mulheres são representadas fora do domínio doméstico, como viajantes em lugares exóticos. As figuras femininas mantêm a sua integridade e surgem sempre aos pares, expressando desejo erótico umas pelas outras. Através deste conceito e do poema é possível visualizar e seguir as aventuras de duas mulheres vitorianas, Maria Elona e Rubia, à medida que viajam de balão por glamorosas paisagens. A representação poética da amizade feminina, combinando elementos neo-góticos e surrealistas, faz de *Don des Féminines*, uma obra pioneira de escrita feminina, com a sua afirmação de uma linguagem de desejo e transgressão. (paula roush e Maria Lusitano)

Ana Pérez-Quiroga e Patrícia Guerreiro (Portugal)
As Aventureiras Again, 2010, vídeo, cor, som, 4' 21''

Cortesia das artistas

A dupla Ana Pérez-Quiroga e Patrícia Guerreiro representam um caso único no panorama da arte contemporânea portuguesa de exploração das questões *queer* e de género, aliando uma imagem *naïf* com uma linguagem de novela. Neste vídeo, em particular, as artistas representam um casal de lésbicas, passeando pela cidade numa atitude descontraída e sem tabus, vivendo a sua história de amor. Contudo, ao longo da narrativa visual, tendo como pano de fundo sonoro Janet Jackson, o casal depara-se com contextos colectivos que lhes são potencialmente adversos, como a visita do papa Bento XVI a Lisboa, ou uma celebração da claqué futebolística do Benfica. De forma inteligente e irónica, este trabalho questiona a necessidade de frontalidade do privado para resistir às pressões dos colectivos, e da necessidade de desmontar qualquer ameaça às liberdades individuais, nas quais a questão da diferença sexual também deve ser incluída. (Emília Tavares)

BIOGRAFIAS

ANA BEZELGA (1979)

Nasceu em Lisboa, Portugal. Desde 2004 tem vindo a desenvolver um corpo de trabalho que combina escultura, vídeo, instalação e fotografia. Obteve o grau de Mestre em Artes Visuais na Academia de Arte de Malmö, Suécia, tendo sido bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e encontra-se actualmente a concluir o doutoramento em Artes Visuais na Universidade de Évora com uma bolsa de investigação da FCT. O seu trabalho foi exposto em vários países, destacando-se as seguintes exposições: *The Art of Critical Thinking and Transmuting Experience* (Kunstraum Innsbruck, 2004), *Impromptu* (Skånes Konstförening, Malmö, 2009), *The Story Framer* (Wip: sthlm, Estocolmo, 2010), *Kopia och Original* (Museu de Arte de Malmö, 2010) *Lunds Konsthall Presentation* (Lund, 2011), *A Casa do Firmino* (Temporary Art Center, Eindhoven, 2011; Rotunda Gallery, Dubai, 2011 e Centro Nacional de las Artes, México, 2012). Em 2009, Bezelga ganhou o prémio de arte da Fundação Edstrandska e em 2010 o prémio anual da Fundação Aase & Richard Björklund.

ANA PÉREZ-QUIROGA (1960)

Nasceu em Coimbra, Portugal. Vive e trabalha entre Lisboa e Shangai. É licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, tendo efectuado outros cursos: Curso Avançado de Artes Visuais do Ar.Co, Lisboa e o Mestrado em Artes Visuais e Intermédia na Universidade de Évora. Actualmente frequenta o 3º ano do Doutoramento em Artes na Universidade de Coimbra, como bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Trabalha essencialmente com instalação e fotografia e os temas do seu trabalho vão desde a crítica institucional a um universo mais pessoal e íntimo de referências. Tem exposto regularmente desde 1999 em significativas exposições colectivas e individuais com especial destaque, respectivamente, para: *Comer o no Comer*, (Salamanca Art Centre, Spain, 2002), *Made in Shanghai* (MoCA – Museum of Contemporary Art, Shanghai ,2008), *Arte Portuguesa do Século XX: 1960 – 2010* (MNAC– Museu do Chiado, Lisboa, 2012) e *O assalto ao Castelo em 3 actos* (Paço dos Duques de Guimarães, Guimarães, 2012). (www.anaperezquirolga.com)

ANA PISSARRA (1969)

Vive em Lisboa. Estudou pintura no Ar.Co, Lisboa, vídeo na New York Film Academy, em Nova Iorque, e frequentou o curso avançado de artes plásticas da Maumaus, Lisboa. Cria trabalho em diversos media incluindo vídeo, som, performance e instalação desde 2009. O seu trabalho aborda narrativas e filosofias idiossincráticas muitas vezes relacionadas com o contexto de apresentação dos trabalhos. Trabalha regularmente como editora e realizadora para a televisão e documentários.

CARLA CRUZ (1977)

Actualmente faz a sua pesquisa de doutoramento em Arte Prática na Goldsmiths, University of London enquanto bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. O seu projecto de investigação: *Democracia, a intervenção não-artística* anda à volta das práticas artísticas e dos encontros democráticos que estas possam despoletar. Carla é membro de vários colectivos de arte internacionais e iniciadora de *All My Independent Women* projecto de exposições feministas e blogue sobre arte e género. (www.carlacruz.net)

CATARINA SARAIVA (1973)

Nasceu e vive e trabalha em Lisboa. Formou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Das exposições individuais que realizou destacam-se: *Espelho «meu»* (Módulo – Centro Difusor de Arte, Lisboa, 2010), *Hemostase* (CAPC– Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 2008). Participou em diversas exposições colectivas, nomeadamente: *Yellow once again* Festival Berlinda, Berlim, 2012); *I would prefer not to* (Plataforma Revólver, Lisboa, 2012), *Mono – A propósito do Grupo Cores* (CAPC – Círculo Artes Plásticas de Coimbra, 2010), *Amália, Coração* Independente (Museu Colecção Berardo, Lisboa, 2009) e *Portugal Today – Nine Solitarie Positions* (MAM – Mario Mauroner Contemporary Art, Viena Áustria, 2006) (www.catarinasaraiva.com)

CÉLIA DOMINGUES (1978)

Nasceu em Évora, Portugal. Estudou no Curso Avançado na Escola Maumaus, Lisboa e Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Em Londres, realizou o mestrado em Artes Visuais no Chelsea College of Art & Design, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. Tem participado em várias exposições das quais se destacam as individuais: (2004) *Ama de Casa*, (Casa Velázquez em Madrid, 2004) (2006) *AC#10* (Artecontempo em Lisboa, 2006) *The Tea of Hospitality* (Galeria Sete em Coimbra, 2008). As exposições colectivas: *Inéditos* (Casa Encendida em Madrid, 2005), *Momentos de vídeo-arte português* (Photoespaña, Centro Cultural Conde Duque em Madrid, 2006), *Club de Femmes_The Lives of Girls and Women* (Renoir Cinema, Londres, 2007), *Stigmata*, (Sala do Vead, Lisboa, 2007), *Café Portugal* no (Fórum Eugénio de Almeida, em Évora, 2008), *Opções & Futuros* (Museu da Cidade, Lisboa, 2009), *Water Closet* (LXFFactory, Lisboa, 2010).

CRISTINA REGADAS (1977)

Vive e trabalha no Porto, Portugal. Para além da actividade de artista plástica, é curadora assistente no programa ARTES da Fundação Manuel António da Mota. É licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e em Fotografia na École Supérieure “Le 75”, Bruxelas, Bélgica. Das suas exposições individuais destacam-se *Rise and Shine* (Galeria MCO , Porto, 2007) e *Pièce Unique* (Galeria Plumba, Porto, 2005). Participou em diversas exposições colectivas em Portugal e Espanha desde 1999. Em 2006/7 foi fotógrafa colaboradora dos YPU, e de 009 a 2011 foi co-programadora da “Fundação”, espaço de programação independente na cidade do Porto.

ELISABETTA DI SOPRA (1969)

Nasceu em Pordenone, Itália. Vive e trabalha em Veneza. Tem o Mestrado em Pintura pela Academia de Belas Arte de Veneza. Os seus vídeos e instalações interrogam frequentemente as dinâmicas e as tensões ocultas na vida quotidiana. A maioria dos seus vídeos aborda a temática do corpo da mulher e onde a maternidade tem um papel crucial.

HONG YANE WANG

Nasceu em Beijing, China. Vive e trabalha em Londres desde 2009. Tem o Mestrado de Artes pelo Goldsmiths College, Londres. Tem uma experiência artística diversificada no teatro, filme e artes na China e na Grã – Bretanha. Em 2007, trabalhou em *Red Cliff*, um filme épico realizado por John Woo, onde a ideia do seu trabalho *Seating Code* foi elaborada. Mais recentemente tem trabalhado como um importante membro na produção teatral de *Wild Swans*, pelo Young Vic Theatre, e frequenta o programa de Residências International Playwright no Royal Court Theatre.

ITZIAR OKARIZ (1965)

Nasceu em Donostia, País Basco, Espanha. Actualmente vive entre Nova Iorque e Bilbao. O seu trabalho mais recente tem sido desenvolvido em torno de performances efectuadas no espaço público e privado, de forma a questionar as regras sociais do nosso comportamento. No seu trabalho utiliza habitualmente fotografias, instalações vídeo e performance, tendo como ponto de partida uma perspectiva feminista. Tem exposto regularmente individual e colectivamente, destacando-se, respectivamente: *Performance. Secció Irregular* (Mercat de les Flors, Barcelona, 2013), *Irrintzi , repeticion* (La casa Galeria, México, 2011), *Curating the campus: To pee in public and private spaces* (Singel International Kunstcentrum, Antwerp, Belgium, 2007); e as colectivas: *re.act.feminism #2* (Fundación Tapies, Barcelona, 2013), *Genealogías Feministas en el Arte Español, 1960-2010*, (MUSAC, León, 2012), *The Dead, Absent, and Fictitious*, LTTR programa vídeo comissariado por Yerba Buena Center (Arts San Francisco, CA, 2008), *Chacun a son gout* (Guggenheim Bilbao Museum, 2007) e *If I can't dance, I don't want a be part of revolution festival* (Utrecht Holanda, 2007).

JOANA BASTOS (1979)

Nasceu em Lisboa, Portugal. É Mestre e pós-graduada em Artes Plásticas pelo Chelsea College of Art and Design, Londres, 2008. Licenciou-se em Artes Plásticas – Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 2004. O seu trabalho utiliza primordialmente a performance e as acções em espaços públicos, questionando o papel do artista, sob um ponto de vista social e económico, assim como das instituições. Das suas exposições individuais e colectivas mais recentes destaca-se, respectivamente: *To whom it may concern* (Vera Cortês Agência de Arte, Lisboa PT, 2010), *A\$T*, (Project Room, CAV Centro de Artes Visuais, Coimbra PT, 2010), *No money, no honey*, (Threshold Artspace, Perth, Escócia UK, 2010) e *Ask me* (Kunsthalle Lissabon, Lisboa PT, 2009); e as colectivas: *Our Work Is Never Over* (Photoespana, Matadero, Madrid ES 2012), *Verbo* (Galeria Vermelho, São Paulo BR, 2010), *A Filosofia do Dinheiro* (Museu da Cidade, Lisboa PT, 2010), *POVO* (Museu da

Electricidade, Lisboa PT, 2010), *Opções e Futuros #5* (Fundação PLMJ, Lisboa PT, 2010), *Impossible Exchange* (Frieze Projects, Frieze Art Fair, Londres UK, 2009).

LILIBETH CUENCA RASMUSSEN (1970)

Nasceu em Manila, Filipinas. Actualmente vive e trabalha em Copenhaga, Dinamarca.

Fez os seus estudos artísticos entre 1996 e 2002 na Royal Danish Academy of Fine Arts, em Copenhaga. O seu trabalho centra-se fundamentalmente no vídeo e performance. Partindo da sua dupla origem dinamarquesa e filipina, a artista capta, adapta e universaliza as suas narrativas numa aproximação simultaneamente crítica e humorística, sobre temas com a identidade, cultura, religião, género e relações sociais. Na produção das suas obras utiliza textos escritos e canções, assim como intrincados elementos visuais que incluem cenários e figurinos. Nas suas reencenações explora a sua herança artística e histórica e questiona o papel da mulher na história da arte na sua identidade artística. (www.lilibethcuenca.com)

MAIMUNA ADAM (1984)

Nasceu em Maputo, Moçambique. Completou a Licenciatura em Belas Artes na Universidade de Pretoria em 2008. O seu trabalho foca-se em narrativas pessoais e históricas relacionadas com o evento e acto de viajar. Materiais como o café, a tinta-da-china, papel de fibra de bananeira, carvão, acrílico, tela e livros são usados para explorar noções de identidade e memória em relação às histórias e origens mistas. A artista faz referência a narrativas fictícias e reais questionando o papel de imagens e objectos em relação à memória e o acto de re-lembrar eventos que se relacionam de maneira individual e universal. As suas mais recentes exposições colectivas incluem: *VI Bienal de Arte e Cultura de São Tomé e Príncipe* (2011), *MUVART Bienal'12 e Viver neste mundo* (2013).

MARE TRALLA (1967)

Nasceu na Estónia. É uma artista que utiliza as artes plásticas e as tipologias multimédia. Na Estónia é reconhecida pela sua ligação ao movimento feminista, como artista, curadora mas também como activista. Foi a co-organizadora do primeiro projecto artístico feminista na Estónia, o *Est.Fem* in 1995. O seu trabalho utiliza frequentemente a ironia para colocar em questão o papel da mulher na sociedade e o modo como o mundo e a cultura ocidental observa e identifica as mulheres da Europa de Leste. Em 2011 participou na primeira exposição de arte *queer* na Estónia, *Untold Stories*.

MARIA KHEIRKHAH

Nasceu no norte do Irão. Actualmente vive e trabalha em Londres. Fez a sua primeira viagem para a Grã-Bretanha em 1979 onde efectuou a sua formação artística, o Mestrado em Escultura na University of Central England em 1997. Em 1998 voltou ao Irão, leccionando nas duas mais importantes universidades em Teerão, Alzahra University e a Academy of Arts. Regressou à Grã-Bretanha em 1990 e desde então tem exposto e desenvolvido um intenso trabalho artístico no Reino Unido e internacionalmente. Além de artista é também curadora e conferencista,

e no seu trabalho utiliza a instalação e a performance para investigar sistemas de conhecimento, poder e cultura. Ao longo do seu percurso artístico tem explorado questões do chamado “Médio Oriente”, as identidades femininas e a dissonância cultural. Tem exposto de forma regular em mostras individuais e colectivas.

MARIA LUSITANO

Maria Lusitano nasceu em Lisboa. Actualmente vive entre Londres e Malmö. Após ter concluído o curso de Medicina em 1997, ingressou pela vertente artística, tendo estudado no Ar. Co e na escola MauMaus em Lisboa. Em 2009 concluiu o Master of Fine Arts na Art Academy em Malmö, Suécia. Na sua obra utiliza preferencialmente o vídeo como forma de ensaio sociológico sobre questões como as migrações, o colonialismo ou as utopias, trabalhando a partir de factos históricos, aspetos biográficos e ficcionais. Tem exposto regularmente em Portugal e no estrangeiro, com destaque para as suas participações na Manifesta 5, San Sebastian (2004), Photo España, Madrid, (2006) e na 29ª Bienal de São Paulo (2010).

MÓNICA DE MIRANDA

Vive entre Lisboa e Londres. É artista, educadora, produtora e investigadora. Tem o Mestrado em Arte e Educação pelo Institute of Education, Londres e a pós-graduação em Arte Terapêutica pela Central School of Speech and Drama. Actualmente está a desenvolver o doutoramento na Universidade de Middlesex, em Londres, com o apoio da Fundação para Ciência e Tecnologia. É uma das fundadoras do projecto artístico de residências da Rede da Triangle Network em Portugal. Expõe regular e internacionalmente desde 2004. Das suas exposições destaca-se: *Once upon a Time* (Carpe Diem-Arte e Pesquisa, Lisboa, 2013), *An Ocean between us* (Plataforma Revólver, 2012, Lisboa), *Arquivos Secretos*, (AFL, Lisboa, 2013), *L'art de exparte* (Musée Calais, Calais, 2011), *Underconstruction* (Museu da Cidade, Lisboa, 2011), *This Location*, (Mojo Galeria, Dubai, 2010), *Verbal Eyes*, (Tate, Trienal da Grã-Bretanha (Londres, 2009), London Caravan (Iniva, Londres, 2008, *United Nations* (Singapura Fringe Festival, Singapura, 2007), *Sintonia* (Arquivo, Rio de Janeiro, 2007).

NILBAR GÜRES (1977)

Nasceu em Istambul, Turquia. Vive e trabalha em Nova Iorque, EUA. Tem o bacharelato em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Marmara, Universidade de Istambul e o Mestrado em Pintura e Grafismo da Academy of Fine Arts em Viena, Áustria. Tem exposto de forma regular internacionalmente, com destaque para as exposições colectivas na 6ª Bienal de Berlim, 2010, a 11ª Bienal de Istambul, 2009, e a exposição itinerante *Tactics of Invisibility* (Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, Viena, 2010), (Tanas, Berlim, 2010-2011) e (Arter, Istambul, 2011). As suas mais significativas exposições individuais compreendem: *Nilbar Güres* (Rampa, Istambul, 2011), *Nilbar Güres: Window Commission 2010* (Rivington Place, Londres, 2010), *Unknown Sports; Indoor Exercises* (Salzburger Kunstverein, Salzburg, 2009), *Self-Defloration* (Künstlerhaus Stuttgart, Estugarda, 2011).

NISRINE BOUKHARI (1980)

É uma artista que trabalha com multimédia e instalação, e vive em Damasco, Síria. Estudou Escultura na Universidade de Damasco e prepara o seu Mestrado em Desenho Social na Universidade de Viena. No seu trabalho utiliza conceitos de psicogeografia para explorar as nossas relações com os espaços interiores e domésticos. Princípios de “terapia da cor e da luz” estão por vezes subjacentes às suas instalações. Com uma característica economia de meios, cria instalações sensoriais e participativas que envolvam a mente e o corpo. Tem participado em inúmeros programas de residência em Londres e Nova Iorque. Em 2008 participou no Triangle workshop em Shatana, Jordânia, e em 2009 na Bienal de Amsterdão e recebeu o prémio Asian Art Biennale of Bangladesh. O seu trabalho tem sido selecionado para exposições radicais como React Feminism e o Arab Short Film.

OREET ASHERY (1966)

Nasceu em Jerusalém, Israel. Actualmente vive e trabalha em Londres, e é uma artista visual reconhecida internacionalmente pelas suas interrogações acerca da arte, do indivíduo, da política e da representação, particularmente no contexto das minorias. A sua prática artística é vasta desde a performance, a imagem fixa e em movimento, objectos e escrita. Interessa-lhe a natureza dos eventos, as plataformas de situações e públicos, assim como a relação entre contextos, duração, locais e pessoas. Tem mostrado o seu trabalho de forma intensiva a nível internacional, incluindo bienais, museus, galerias, festivais, assim como em contextos alternativos de *site-specific*, incluindo quartos de curadores e celebrações religiosas só para homens. Tem também publicado e discutido o seu trabalho em inúmeras publicações de arte e culturais em várias línguas, e está representado em colecções privadas e públicas de todo o mundo. É também Honorary Research Fellow no Drama Department of Queen Mary University, Londres, e é conferencista no Art Department no Goldsmiths College.

PATRÍCIA GUERREIRO (1976)

Nasceu em Lisboa, onde vive e trabalha. É licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e tem o Curso Avançado da MauMaus, Lisboa. Tem participado em várias exposições individuais e colectivas, com um vasto leque de abordagens artísticas. Tem desenvolvido também actividade como criadora audiovisual e realizadora. Em 2006, colaborou com o colectivo Droid-ID como realizadora, produtora executiva, guionista, operadora de câmara, editora, cenógrafa, participando na criação de vídeos musicais para os artistas Mariza + BossAC, Nigga Poison, Lady V, Samp, Plastica, Cartell 70, Damani Van Dunen, Gomo, Terracota, Rodrigo Leão, Fausto Bordalo Dias, Miguel Ângelo, Madredeus, entre tantos outros.

paula roush & MARIA LUSITANO

Nasceram ambas em Portugal e actualmente vivem e trabalham em Londres. Colaboram desde 2009 e o seu trabalho foi exibido internacionalmente em colecções

como as da National Art Library, a colecção de livros de artistas no Victoria & Albert Museum e The bookRoom, a colecção de livros de artista da University for the Creative Arts. Das exposições individuais destaca-se: *Queer paper gardens* (Museu da Electricidade, Lisboa, em Junho – Setembro 2013), *Dreaming through –on & into the exotic*, (198 Contemporary Arts and Learning London, April – May 2013) *Classop (varied papers)* (Zavod P.A.R.A.S.I.T.E. Gallery P74, Ljubljana, 2011) e *Sput-e-nik the window* (Porto, 2010).

PETER GOLDSMID

Realizador, argumentista e produtor é uma figura de destaque ligada ao cinema, com uma extensa carreira muito premiada que inclui géneros como o documentário e a ficção. Tem uma formação académica em Filosofia do Direito e Política o que tem contribuído para o seu interesse em temas como a moral, a justiça e assuntos sociais. Em 2010 produziu e co-realizou o premiado documentário *Difficult Love*, sobre a realidade das lésbicas negras na África do Sul, através do olhar e da vida da controversa fotógrafa activista Zanele Muholi.

PUSHPAMALA N. (1956)

Nasceu em Bangalore, Índia. Vive e trabalha em Bangalore e Delhi. É uma artista que utiliza o vídeo, a fotografia e a instalação, além de ser escritora, conferencista e curadora, sendo uma das figuras mais destacadas da arte contemporânea na Índia. Formou-se em Economia, Inglês e Psicologia, tendo depois estudado Escultura na M.S. University, Baroda, onde conclui a pós-graduação em 1985. Desde meados da década de 90 tem trabalhado sobretudo com fotografia, performance e vídeo. Utiliza histórias e material feminino como método para explorar a história e memória na sociedade contemporânea. Em todos os seus trabalhos ela é actriz assim como realizadora, tendo uma imagem carismática perante a câmara. O seu trabalho tem sido exposto em numerosas exposições, museus e bienais incluindo Photo-España, Madrid (2012), Centre Pompidou, Paris (2011), Whitechapel Art Gallery, Londres e Fotomuseum Winterthur, Zurique (2010), Tate Modern Londres (2006), Saatchi and Saatchi, Londres (2010), National Portrait Gallery, Camberra (2011), Mori Art Museum Tóquio (2008), EUA, China, Brazil, e na Índia. O seu trabalho está representado em várias colecções privadas e públicas por todo o mundo.

RACHEL KORMAN (1955)

Nasceu no Brasil mas tem também ascendência polaca. Vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil.

Além de artista visual é produtora independente. É graduada em Jornalismo e Artes Visuais. Viveu em Lisboa entre 2007 e 2013 onde frequentou o Curso Avançado de Fotografia do Ar.Co e o Independent Art Studies Program da MauMaus. É uma das fundadoras do projecto Carpe Diem Arte e Pesquisa – centro de arte contemporânea em Lisboa, onde foi directora de comunicação e projectos especiais. O seu trabalho artístico tem uma forte componente biográfica e intimista, utilizando diversos *media*, como a pintura, objectos, instalação e vídeo.

Realizou diversas exposições individuais e colectivas, em Portugal e no estrangeiro.

RAZAN AKRAMAW (1988)

Nasceu em Jerusalém Leste. Graduou-se em 2008 em Desenho Gráfico no Women Society College. Actualmente estudo Artes Visuais Contemporâneas na International Academy of Art, Palestina, em Ramallah. Tem trabalhado como assistente de artistas ao mesmo tempo que desenvolve a sua carreira artística, baseada na performance e vídeo, com uma forte consciência de activismo político. Em 2011 o seu filme, *The Scarecrow*, foi considerado um dos 20 melhores filmes no Festival de Cinema Vicdan Filmleri /Filmes de Consciência, Turquia, Istambul. Em 2012 realizou a sua primeira exposição de Estudantes *this is me, they are us, you are here* em no Museu da Universidade de Birzeit, Ramallah e na KHIO University, Oslo National Academy of the Arts. Noruega. Produziu já um número considerável de performances incluindo: *Getting Out, Stay In, 21 Roses, Money, Pygmalion Palestine, The Scarecrow, The Gate, Hijab, Icons, Champs Elysees Booth, Mother Note, Collage e Mirror*.

RITA GT (1980)

Nasceu no Porto, Portugal. Vive e trabalha em Luanda, Angola. É licenciada em Design de Comunicação (2004) pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Realizou o Programa Erasmus na Sofia's Fine Arts Academy, Bulgária. Realizou o Curso avançado em Artes Visuais, Maumaus – Escola de Artes Visuais, Lisboa e frequentou o mestrado na Malmö Art Academy – Lund University em Malmö, Suécia. Das exposições individuais que realizou, destacam-se: *A.I.R - African Industrial Revolution* na UNAP em Luanda (2012); *Looting (Pilhagem)*, intervenção de RitaGT no Museu do Traje (2010), Museu do Traje, Bienal de Viana do Castelo; *One Night [life] Event, Evento de uma Noite [Vida]* (2009), Empty Cube, Lisboa; *Made in Europe, 10 Year Warranty* (2009), Galeria Reflexus, Porto; e *Tropicalismos Luso e outras Naturezas Mortas* (2007), PêSSEGOpráSEMANA, Porto. Participou em diversas exposições colectivas, das quais de destacam: *Mabaxa* (2012), Galeria Soso - Arte Contemporanea Africana, Luanda; *A Filosofia do Dinheiro* (2011), Museu da Cidade; *Amália Nossa (2009/2010)*, CCB – Museu Berardo, Lisboa; *Opções & Futuros: Coleção da Fundação PLMJ* (2007), Arte Contempo, Lisboa; *Anteciparte'07* (2007), Museu de História Natural, Lisboa; e Prémio Rothschild (2007), Lisboa. Esteve em residência artística no Casino Luxembourg (2005), no Luxemburgo, na ZDB, Lisboa (2007/08), e ao abrigo da bolsa INOV-Art, na residência artística Capacete, Rio de Janeiro e São Paulo.

ROBERTA LIMA (1974)

Nasceu em Manaus, Brasil. Formou-se em Arquitectura em 2002, tendo-me mudado para a Europa onde vive actualmente. Em 2007 obtive o Mestrado em Artes Visuais e actualmente frequenta o Doutoramento na Academia de Artes de Viena, Áustria. O seu trabalho foca-se no seu próprio corpo como tema utilizando vários media, tais como a fotografia, vídeo e instalação. Além disso, investiga o espaço apropriando-se de aspectos de diferentes lugares e contextos – da subcultura à ciência, da cultura popular às referências históricas e de teoria feminista – para produzir arte e iniciar debates sobre o papel do artista e do espectador. Das suas exposições mais recentes destaque para: *Steel and Freedom* (Galeria Otto Zoo, Milão, 2013), *Aesthetics of Risk*

(Galeria Charim, Viena, 2012), *Displacement* (White Box, Nova Iorque, 2012), *Wiener Glut* (KIT, Dusseldorf, 2011) e *where do we go from here?* (Secession, Viena, 2011).

ŞÜKRAN MORAL (1962)

Nasceu em Terme, Sansum, Turquia. Vive e trabalha entre Istambul e Roma. Mudou-se para Itália em 1989, tendo-se formado em 1995 no Departamento de Pintura da Academia de Belas Artes de Roma. Na sua obra utiliza preferencialmente a performance, abordando a questão da exclusão e de todos aqueles que vivem nas margens da sociedade e dos seus valores, como os emigrantes, transexuais, prostitutas ou os doentes mentais. Tem participado em numerosas exposições individuais e colectivas, das quais se destacam as seguintes: *Light From the Middle East*, (Victoria and Albert Museum, Londres, 2012), *Bodies of Silence* (Royal College of Arts, Londres, 2012), *In which language shall I tell my story...* (The Stedelijk Museum, Amsterdão, 2012), *DESIRE* (Bergen Kunst Museum, Bergen, 2012), *AMEMUS* (Galeri Zilberman, Istambul, 2010), *New Acquisitions and Highlights* (21C Museum, Kentucky, 2009), *Love and Violence* (Yapı Kredi Kazım Tas kent Art Gallery, Istambul, 2009), *Modern and Beyond* (SantralIstanbul Museum, stambul, 2007), *Peace... Fucking Fairy Tale* (Gallery BND, Milão, 2007), *Zina – The Adulteress*, na 51ª Bienal de Veneza, Veneza, 2007, e na 5ª Bienal Internacional de Istambu, Istambul, 1997.

SUSANA MENDES SILVA (1972)

Nasceu em Lisboa, Portugal. Desde meados dos anos noventa tem vindo a criar um corpo de trabalho fragmentado e anti-linear empregando *media* tão diferentes como os da fotografia, vídeo, instalação, desenho e performance. Nos seus projectos tem explorado as especificidades de contextos sociais ou íntimos, dos próprios espaços expositivos, evocando narrativas actuais ou históricas, ou convocando os espectadores para a obra. Estudou Escultura na FBAUL e frequentou o programa de doutoramento em Artes Visuais (*Studio Based Research*) no Goldsmiths College, Londres, tendo sido bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. É Doutorada em Arte Contemporânea, pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, com a tese, orientada pelo Prof. Doutor António Olaio, baseada na sua prática performativa – *A performance enquanto encontro íntimo*. A Susana é também Professora Auxiliar na Universidade de Évora, leccionando no curso de Arquitectura Paisagista desde 1999.

TEJAL SHAH (1979)

Nasceu em Bhilai, Índia. Vive e trabalha em Bombaim, Índia. Tem o Bacharelato em Artes (Fotografia) pelo Royal Melbourne Institute of Technology, Melbourne, Austrália. Na sua obra trabalha com vídeo, fotografia, performance, som, instalação e desenho. Posiciona a sua obra num contexto feminista e *queer*. Explora as intersecções entre arte e ecologia em relação com a consciência. O seu trabalho também aborda os tópicos do sexo, sexualidade, corpo, género e naturismo enquanto desafiantes das hegemonias sociais normativas. O seu último projecto *The Balcão* desvenda um novo curso na sua praxis. É um projecto em constante mudança, uma experiência colaborativa e comunal num pequeno pedaço de terra em Goa, Índia.

ZANELE MUHOLI (1972)

Nasceu em Umzali, Durban, e vive em Cape Town. Estudou fotografia no Market Photo Workshop em Newtown, Joanesburgo. É uma das fundadoras do Forum for the Empowerment of Women (FEW), uma organização negra lésbica baseada em Gauteng. Recebeu em 2005 o prémio Tollman para as Artes Visuais e em 2006 o primeiro prémio Visual Arts Fellowship da BHP Billiton/Wits University. Foi seleccionada em 2009 como a Artista em Residência da Ida Ely Rubin no Institute of Technology em Massachusetts (MIT). Em 2009 recebeu uma distinção do IRN-Africa pelo seu contributo para o estudo da sexualidade em África. Recebeu também o prémio Casa Africa para a melhor fotógrafa feminina nos Encontros da Bienal de Bamako em 2009. Participou na Bienal de São Paulo (2010) com a série *Faces and Phases*, posteriormente editado em livro, tendo sido nomeado como o melhor livro de fotografia pelo International Photobook Festival em Kassel. A mesma série foi apresentada na Documenta 13 de Kassel em 2012.

LISTA DE ARTISTAS

Ana Bezelga
Ana Pérez-Quiroga
Ana Pérez-Quiroga e Patrícia Guerreiro
Ana Pissarra
Carla Cruz
Catarina Saraiva
Célia Domingues
Cristina Regadas
Elisabetta di Sopra
Hong Yane Wang
Itziar Okariz
Joana Bastos
Lilibeth Cuenca Rasmussen
Maimuna Adam
Mare Tralla
Maria Kheirkhah
Maria Lusitano
Mónica de Miranda
Nilbar Güres
Nisrine Boukhari
Oreet Ashery
Patrícia Guerreiro
paula roush & Maria Lusitano
Pushpamala N.
Rachel Korman
Razan Akramaw
Rita GT
Roberta Lima
Şükran Moral
Susana Mendes Silva
Tejal Shah
Zanele Muholi